

América Latina

ESTUDANTES EXIGEM DEMOCRACIA

Juventude desafia políticas de exclusão praticadas por governos neoliberais latinoamericanos

Por Gabriely Araujo
e Anna Gabriela Oliveira

Revolución, esta foi a marca de 2011. Há os que afirmam que os resultados das mudanças do Oriente Médio determinarão os rumos do século, no que foi conhecido como Primavera Árabe. Na Europa e Estados Unidos, o foco na crise econômica gerou protestos em diferentes países, com destaque para a Grécia e a ocupação em Nova Iorque no que foi chamada de **Occupy Wall Street**.

Na América Latina, o destaque foram os movimentos estudantis, que auxiliaram em uma ampla discussão social, e que sofreu reflexos dos pensamentos de todo o mundo. A seguir, enumeraremos desdobramentos e acontecimentos que dão ênfase ao que se pode chamar de metamorfose.

Chile: estudantes contra *cabineros*, pela educação gratuita – O Chile foi um país marcado por luta e repressão, a exemplo das mudanças e da esperança trazidas por Salvador Allende, no final da década de 1960, e que foram arrancadas com a sangrenta ditadura do general Pinochet, uma das mais longas da história latino americana. No país, as últimas notícias de âmbito internacional foram o caso dos trabalhadores presos em uma mina de carvão em 2010, o que trouxe notoriedade e prestígio para o atual presidente Sebastián Piñera, e uma visão de tranquilidade ao país. Mas esse não é completo contexto do que ocorre no Chile, a exemplo dos movimentos indígenas, como o Mapuche e Rapanui, o primeiro que habita a região centro sul e o segundo a Ilha de Páscoa, e que lutam por reconhecimento territorial, e estes foram severamente contidos.

A participação de organizações estudantis sempre foi importante no país, e, assim como as movimentações indígenas, não teve grande espaço na imprensa, nem entre muitos estudantes, principalmente depois do enfraquecimento de diversas organizações com a conservadora transição para a democracia. Mas a supressão de informação não significou o fim de reivindicações, que culminaram com o que está ocorrendo hoje.

O movimento estudantil chileno sempre foi símbolo de luta política, desde a época de Allende. Um dos primeiros desdobramentos a favor da educação, que deu respaldo e experiência política aos estudantes de hoje foi em 2006, quando estudantes secundaristas fizeram a chamada 'revolução dos Pinguins', um levante de estudantes secundaristas (que utilizam uniformes escuros, que lembram pinguins) durante o governo de Michelle Bachelet, como explica Fábio Nassif, jornalista brasileiro que esteve no Chile entre agosto e setembro de 2011, em entrevista ao **Contraponto**. "Tem alguns elementos fundamentais para entender politicamente esse atual levante. O primeiro é que na época o movimento acabou aceitando uma mesa de



© Fonte: Frente fotográfico de estudiantes

Chile: 25 de novembro às 10h



© Fonte: Estudiantes de Latino America

Manifestação no Paraguai



Fábio Nassif

Santiago, Chile em 25 de agosto

negociação com o governo e encaminhou uma lei referente ao tema, fazendo assim um acordo político. E, tanto o movimento, como a população, fazem uma avaliação péssima desta experiência, pois não alterou estruturalmente nada. Isso é muito popularizado e reforçado pelo fato de que boa parte destes secundaristas de 2006 serem os universitários de hoje. Ou seja, tem uma experiência política acumulada, tanto do ponto de vista da relação com o governo, como da organização. Isso dá uma radicalidade respaldada ao movimento a não aceitar qualquer coisa."

Em junho 2011, portanto, o movimento se intensificou, e as reivindicações ficaram mais sólidas. A indignação sobre o crescimento da privatização na educação fez com que estudantes ocupassem Universidades, e foram fortemente reprimidos. Dois meses depois a população se juntou aos estudantes.

Dia 24 de agosto foi o ponto de virada no país. A maior manifestação desde então, reuniu cerca de 600 mil pessoas na capital Santiago, e foi reprimida com gás lacrimogênio, jatos de água dos **cabineros** (polícia). Mas o saldo de todo esse dia

foi muito mais violento. Foram 1394 presos, mais de 200 feridos, e Manuel Gutiérrez, estudante de 16 anos, foi baleado e faleceu.

Após a morte de Gutiérrez, a mídia passou a noticiar cada vez menos as manifestações chilenas. Os estudantes continuam se organizando contra a privatização do ensino no país, apesar de em menor número. As marchas no ápice do movimento chegaram a juntar 1 milhão de pessoas. O número vem caindo aos poucos, mas as manifestações não pararam. Em outubro, 250 estudantes em marcha foram detidos pela polícia, e no final de novembro, 15 mil pessoas se reuniram para novo protesto, mas a repressão policial veio tão forte quanto das vezes anteriores.

Colômbia: movimento estudantil ganha força e é comparado com o de 1971

– No começo da década de 1970 estudantes colombianos se levantaram contra a padronização da educação segundo moldes internacionais, protestando contra o plano Básico de Reforma Universitária, influenciado diretamente pelo governo norte americano. Exigências dos estudantes da época

como a revisão dos vínculos com organismos internacionais, o financiamento estatal da pesquisa científica e reformulação dos conselhos de ensino superior nas universidades foram, depois de muitos protestos, ouvidas, permitindo uma maior participação democrática nas Universidades.

Este ano o movimento estudantil colombiano intensificou-se, novamente contra uma reforma Universitária, proposta agora pelo atual presidente Juan Manuel Santos. Esta reforma visa à privatização do ensino superior, tornando instituições públicas em organizações mistas. A explicação do governo a tais mudanças é atender às exigências dos tratados de livre comércio, melhorando a qualidade da educação, mas essa justificativa não foi aceita pelos estudantes.

Em 12 de outubro de 2011, a Mesa Nacional Estudantil (MANE), composta por 50 Universidades colombianas decidiu pela paralização total das atividades das 32 instituições contra as medidas do governo de Santos.

No dia 10 de novembro, os estudantes mostraram que suas reivindicações não eram apenas de uma parcela de pessoas. Protestos simultâneos em várias cidades colombianas levaram milhares de estudantes às ruas, sendo mais de 80 mil pessoas na capital Bogotá, levando a movimentação o nome de “tomada de Bogotá”. Segundo reportagem do site **Outras Palavras**, os protestos do dia 10 foram o de maior concentração dos últimos dez anos.

O movimento, apoiado por ONGs, organizações camponesas e grupos indígenas, foi contra todo e qualquer tipo de violência, porém as manifestações foram severamente contidas pelas forças policiais. Por isso depois de reunião realizada nos dias 12 e 13 de novembro, líderes do MANE foram levados a cessar a greve nacional, com a condição que a polícia parasse as rondas em volta das universidades, impedindo as atividades estudantis.

Mas isso não significou o fim das exigências estudantis. A MANE foi a autora do protesto do dia 24 de novembro, que veio a se tornar a marcha latino americana a favor da educação, e também assinou um documento afirmando que procuram uma proposta alternativa à Lei Educativa.

Honduras: reflexos da saída de Zelaya

– A transição política em Honduras, que retirou o presidente Manuel Zelaya, em junho de 2009, aos nossos olhos foi um acontecimento suplantado, ou completamente esquecido, mas ainda traz reflexos para o povo hondurenho.

Este ano, protestos a favor da educação foram destaque da parte da população que ainda hoje não concorda com o governo de Porfirio Lobo. Assim como as reivindicações do Chile e Colômbia, estudantes secundaristas hondurenhos protestam contra um projeto de lei a favor da privatização do ensino, juntamente com pais e professores. Tal projeto prevê que o ensino público seja até o que corresponde ao fim do ensino fundamental no Brasil, sendo assim as famílias deveriam financiar os estudos de seus filhos.

Isso levou, no final do mês de julho a paralização de cerca de 150 escolas no país pela Frente Ação Revolucionária de Secundaristas de Honduras (FARSH).

No dia 8 de agosto, estudantes ocuparam estabelecimentos na capital Tegucigalpa exigindo o fim da lógica do lucro nas escolas. Já no dia 15, milhares de pessoas ocuparam praças e diversas vias da capital, e o ponto mais crítico foi na Avenida Panamericana, em Germania, sul da cidade, que liga Honduras a El Salvador e Nicarágua, impedindo a passagem de veículos. Assim como nas manifestações nos outros dois países retratados, as manifestações foram reprimidas com gás lacrimogênio, tiros e jatos de água, dois estudantes desapareceram, 20 líderes foram presos, mas soltos no final do dia.

Manuel Zelaya, líder da oposição hondurenha, representada pela Frente Nacional de Resistência Popular, apoia a mobilização estudantil, e incentivou um novo protesto no dia 28 de julho, que ocorreu também para lembrar os dois anos de sua retirada do governo. Zelaya caminhou até a sede da ONU no país e entregou um pedido para que agentes da organização investigassem a conduta policial, a favor dos direitos humanos.

Dia 24 de novembro: a marcha Latino-Americana – As manifestações chilenas inspiraram jovens pelo mundo inteiro, principalmente na

América Latina, a lutar pela qualidade da educação pública. O dia 24 de novembro foi a marca da resistência estudantil, no continente, convocada pelos estudantes chilenos e colombianos, o que se tornou uma marcha Continental a favor da Educação. No Brasil, por exemplo, um dos locais de manifestação foi a Avenida Paulista, que congregou pessoas do Movimento **Acampa Sampa**, composto principalmente por estudantes, que ficaram acampados na Praça do Ciclista, foram logo retirados pelo comando policial.

Em entrevista ao **Contraponto**, Omar Ariel Astorga Báez, estudante de direito da Universidade do Chile, explica como foi a ideia da criação da marcha binacional: “A ideia nasceu de estudantes chilenos e colombianos, um grupo de cerca de 4 a 8 pessoas, falamos com o Coordenador de MANE e depois deste decreto, apresentamos a moção na reunião nacional de representantes do CONFECH (Conferência da Federação de Estudantes da Universidade do Chile que também foi fundamental para o movimento no país), sendo essas duas organizações as confederações mais importantes das Universidade públicas”. Assim, essa marcha se multiplicou, através de discussões em organizações estudantis e em redes sociais para locais como Argentina, Equador e México, além dos países citados anteriormente.

Assim como ocorreu no Brasil, há relatos de repressão e contenção das manifestações pela polícia, que foram divulgados pelo grupo **Estudiantes de Latinoamérica**.

O mito das redes sociais – Diversos grupos em redes sociais, como o **Twitter** e **Facebook**, foram criados para ajudar a divulgar atos promovidos por movimentos sociais e estudantis. Alguns dos mais relevantes são os dos **Anonymous**, que fazem parte do movimento 15-O, manifestação mundial que ocorreu no dia 15 de outubro, data tirada durante as manifestações dos indignados na Espanha, que se iniciaram no 15-M, 15 de Maio. Todas essas manifestações foram de suma importância para a divulgação de todos os movimentos estudantis, mas como ressalta Fábio Nassif, não decisivo. “Nos eventos divulgados pelo **Facebook**, por exemplo, aparece muito mais gente do que confirmou no site. Justamente porque não foram criados virtualmente, e sim em alguma outra instância legítima do movimento”.

No Brasil, o movimento **Occupy** tomou as ruas não apenas acampando, como aconteceu em Niterói e São Paulo. Por medo de repressão policial, a maior parte dos movimentos terminou no dia inicial da manifestação ou poucos dias depois. Na capital paulista, por exemplo, o movimento começou no Vale do Anhangabaú, no centro da cidade, permanecendo ali até 24 de novembro, quando o acampamento foi levado à Praça do Ciclista, na Avenida Paulista. Na maior parte das cidades onde a juventude foi às ruas, realizaram-se atos e marchas reivindicando pautas como melhor educação, empregos e menos corrupção.

Educação não é mercadoria. Certa deveria ser essa ideia, mas ainda é causa de muitos conflitos em toda a latino-América

E com isso deve-se salientar que os movimentos aqui ilustrados não transmitem o conjunto e riqueza de todos que ocorrem na região. Assim como os movimentos Rapanui e Mapuche que foram citados nesta reportagem, há muitos outros, que lutam, são reprimidos, mas levantam e continuam. Esta constatação demonstra que os latinoamericanos não estão acuados, mas também expõe que há muito que mudar e lutar, e lamentavelmente nem todos tem informação dos movimentos representados.



Manifestação na Argentina

© Fonte: Estudantes de Latino América